

# RESILIÊNCIA E SUPERAÇÃO: O PODER DA BUSCA PELA REALIZAÇÃO DOS SONHOS, INDEPENDENTE DA IDADE CRONOLÓGICA EM QUE SE ENCONTRE O SUJEITO

Maria Gorete de Macedo Lira<sup>1</sup>  
Miriam Flávia Medeiros de Araújo<sup>2</sup>

## Resumo:

O presente trabalho relata a trajetória acadêmica de uma estudante do interior nordestino, marcada, não somente pelas dificuldades inerentes ao contexto em que esteve inserida, mas, principalmente, por sua capacidade de resiliência, força e superação. Tendo como pano de fundo as desventuras vivenciadas por famílias de pequenos agricultores no decorrer das últimas décadas do século XX, o texto estabelece um paralelo entre a negação de direitos e a coragem de continuar lutando por algo que, em algum momento da vida, deixara-se escapar o fio sem que, com isso, fosse permitido morrer a esperança. Da alfabetização no seio familiar, passando por uma escola insípida e incolor até a luz vislumbrada, após anos de abstinência, ao adentrar uma Universidade que faz renascer o desejo de lutar por uma sociedade mais justa e humana, cujo direito à educação não seja negado à nenhum cidadão, independente da idade cronológica em que se encontre. Neste contexto, abraça a causa da Educação de Jovens e Adultos (EJA), transformando-a em sua bandeira de luta diária, da qual vem contabilizando ao longo de quinze anos de carreira, avanços e retrocessos protagonizados pela fragilidade das políticas públicas voltadas para esta modalidade de ensino.

## Palavras-chave:

Educação. Escola. EJA. Família. Profissão.

## RESILIENCE AND OVERCOMING: THE POWER OF THE SEARCH FOR THE REALIZATION OF DREAMS, REGARDLESS OF THE CHRONOLOGICAL AGE IN WHICH THE SUBJECT IS FOUND

## Abstract:

El presente trabajo relata la trayectoria académica de una estudiante del interior nororiental, marcada, no solo por las dificultades inherentes al contexto en el que se insertó, sino principalmente por su capacidad de resiliencia, fortaleza y superación. En el contexto de las desgracias vividas por las familias de los pequeños agricultores durante las últimas décadas del siglo XX, el texto establece un paralelo entre la negación de derechos y el coraje de seguir luchando por algo que, en algún momento de la vida, si el hilo se escapa sin esperar que se deje morir. De la alfabetización dentro de la familia, pasando por una escuela insípida e incolora a la luz tenue, después de años de abstinencia, al ingresar a una Universidad que trae de vuelta el deseo de luchar por una sociedad más justa y humana, cuyo derecho a la educación no se le niega. ningún ciudadano, independientemente de la edad cronológica en que lo encuentren. En este contexto, abraza la causa de la Educación de Jóvenes y Adultos (EJA), transformándola en su estandarte de lucha diaria, de la que ha dado cuenta a lo largo de quince años de carrera, avances y retrocesos liderados por la debilidad de las políticas públicas encaminadas a ello. Modalidad de enseñanza.

<sup>1</sup> Pós-Graduada em Educação. Professora da Rede Municipal de Ensino de Picuí-PB. [Goretelira679@gmail.com](mailto:Goretelira679@gmail.com)

<sup>2</sup> Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Professora da Rede Privada (ensino Básico e Superior) em Parnamirim- RN. [miriamaraujoped@gmail.com](mailto:miriamaraujoped@gmail.com)

**Palabras clave:**

Educación. Colegio. EJA. Familia. Profesión.

**RESILIENCIA Y SUPERACIÓN: EL PODER DE LA BÚSQUEDA PARA LA REALIZACIÓN DE SUEÑOS, INDEPENDIEMENTE DE LA EDAD CRONOLÓGICA EN LA QUE SE ENCUENTRE EL SUJETO****Abstract:**

The present work reports the academic trajectory of a student from the northeastern interior, marked, not only by the difficulties inherent to the context in which she was inserted, but mainly by her capacity for resilience, strength and overcoming. Against the background of the misfortunes experienced by families of small farmers during the last decades of the 20th century, the text establishes a parallel between the denial of rights and the courage to continue fighting for something that, at some point in life, if the thread escapes without hope being allowed to die. From literacy in the family, passing through a tasteless and colorless school to the glimmering light, after years of abstinence, when entering a University that brings back the desire to fight for a more just and humane society, whose right to education is not denied to no citizen, regardless of the chronological age at which they find it. In this context, it embraces the cause of Youth and Adult Education (EJA), transforming it into its banner of daily struggle, of which it has accounted over the course of fifteen years of career, advances and setbacks led by the fragility of public policies aimed at this teaching modality.

**Key words:**

Education. School. EJA. Family. Profession.

**Introdução**

De acordo com Prado e Soligo (2005), “o memorial de formação é uma forma de registro de vivências, experiências, memórias e reflexões que vem se mostrando imprescindível uma vez que, além de tornar público o pensamento e os sentimentos, possibilita difundir o conhecimento produzido no cotidiano dos profissionais e/ou futuros profissionais.

Nesta perspectiva, discorrerei, nas páginas seguintes, sobre minha trajetória estudantil e profissional de forma crítica e reflexiva, através do referido gênero, cujo texto, essencialmente autobiográfico, me permitirá registrar fatos importantes que, ao longo de quase seis décadas de existência, me ajudaram a construir uma história permeada por sentimentos de alegria, decepções, medo, superação, resiliência e, acima de tudo, de muitos sonhos e muitas lutas.

Compreendo a necessidade de uma breve explanação acerca minha trajetória acadêmica, que tem início nos primeiros contatos com a leitura, muito antes de adentrar os

muros de uma escola; perpassa situações de sobrevivência de uma aluna oriunda da zona rural, em situação de extrema pobreza, frente a uma escola fragilizada e excludente, característica das últimas décadas do século XX; registra o amadurecimento adquirido através dos conhecimentos produzidos em instituições de ensino superior, após longos anos de “abstinência”; indo até a inserção no mercado de trabalho da educação, que me oportunizou lutar por melhores condições de vida de uma camada da sociedade a quem até mesmo o direito à educação para todos, assegurado por nossa Constituição Federal de 1988, me parece não haver, em muitos casos, saído do papel.

Mister se faz evidenciar que, por se tratar de um trabalho científico, buscarei fundamentar as reflexões ora apresentadas, em estudos realizados ao longo do referido curso, associando-os ao pensamento de LEFFA (1996), Paulo Freire (1989), Gadotti (2014) e Ivan Ivic, que nos apresenta a teoria interacionista de Lev Vygotsky (1896 – 1934). Dessa forma, buscarei desenvolver uma melhor compreensão acerca do descaso da qual são vítimas os jovens e adultos de nosso país, principalmente no que diz respeito à sua formação científica e assim, me permitirei continuar buscando alternativas no sentido de contribuir com a construção de uma escola que enxergue o cidadão como sujeito de direitos, independente de sua cor, raça, crença, ideologia e, porque não dizer, de sua idade cronológica, aja vista, sabemos todos nós que, do nascimento até a morte, o ser humano estará em constante formação.

### **Rememorando a história**

Considero o ato de rememorar minha trajetória de vida como um momento solitário e doloroso, permeado por algumas lágrimas, mas, por que não dizer, por doces lembranças de pessoas que acreditaram no meu potencial e assim, ajudaram na construção de minha história. Uma história marcada por muitas privações, renúncias e negações de direitos, mas de muitos sonhos, desejos de mudança, alegrias e, acima de tudo, de muita resiliência e fé.

### **Minha Família**

*“Meu pai, amante das letras. Minha mãe, mulher de fé.  
Ambos queriam pros filhos algo melhor. Quem não quer?  
Diziam que por ali para nós não havia futuro.  
Deveríamos estudar, aprender contas, ler bem,  
Saber entrar e sair. Ser respeitoso, também!  
Pegar a estrada e seguir, mesmo que fosse no escuro.”*

*Gorete Lira*

Nasci em uma comunidade rural no ano de 1962. Quinta filha de um casal de pequenos agricultores do interior da Paraíba, mas precisamente, do município de Picuí, um lugar, à época, ainda mais distante da civilização e do progresso, que qualquer outro por mais atrasado que seja, nos dias atuais. Foi nesse pequeno mundo, dada a necessidade de interação que acometia a todos, que adquiri boa parte do aprendizado inerente à minha formação como pessoa humana.

Fiz parte de uma comunidade de leitores desde a mais tenra idade. Recordo nitidamente dos bons momentos de leitura que partilhávamos as quais se resumiam à literatura de cordel, a alguns livros didáticos já bastante surrados que alguém da cidade nos mandava ou a uma folha de revista que viesse enrolando a barra de sabão comprado na bodega. Nesse momento, meu pai era o mais empolgado: desenrolava o sabão com pressa e lia em voz alta e compassada, diante de uma pequena platéia consumida pela ansiedade e curiosidade natural às pessoas que, cansadas do infortúnio já constante em suas vidas, desejam encontrar em meio às letras, um mundo mais leve, mais colorido e mais perfumado, confirmando assim, a teoria interacionista de Vygotsky (1896 – 1934), de que é por meio do adulto que a criança se envolve em suas atividades.

### **Minha infância**

Posso dizer que minha infância foi, mais do que em todas as demais fases da vida, um emaranhado de contradições: se por um lado eu era vista como uma criança raquítica, complicada e esquisita, por outro era admirada pela facilidade com que me apoderava da leitura. Leitura essa que, de princípio, não passava de decoreba: aos três anos de idade, mostravam-me um livro que circulava na casa o dia inteiro e mandavam-me ler a história de João e Maria. Ao que eu lia, sob os olhares atentos e curiosos, da seguinte forma: “João e Maria, todos os dias, todo cedo”. Abro aqui um parêntese, para lembrar as palavras do grande Paulo Freire (1989), “a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele”.

Concluída a leitura, meus olhinhos brilhavam de felicidade, frente aos aplausos da “plateia”, em um ato de pura admiração, que compensava os demais adjetivos a mim conferidos normalmente, como feia, magricela, chorona, nervosa e fraca.

Naquela época, eu gostava de ficar em casa, enquanto meus irmãos iam à escola, uma vez que todas as atenções dos adultos se voltavam para mim e, o melhor de tudo, é que

quando eles voltavam, tinham sempre alguma coisa que aprenderam e que queriam mostrar a meus pais e, conseqüentemente, a mim. Eu me deliciava com tudo! Às vezes sentia um pouquinho de inveja, também queria ir à escola, mas diziam-me que era muito “fraquinha” que não iria “botar o caminho” e outras coisas mais.

## **A Escola**

Discorrerei a partir deste ponto, sobre minha trajetória acadêmica, marcada pela precariedade do ensino público ofertado nas últimas décadas do século XX, cujo descaso, por parte do Estado atingiu, em cheio, várias gerações, mais precisamente a aqueles que nasceram e cresceram em um contexto social que hoje seria caracterizado como abaixo da linha de pobreza.

O ano de 1968, foi um ano de grandes mudanças: mudamos de casa; fomos morar em um sítio um pouco distante do nosso e que ficava perto da casa de uns parentes onde funcionava uma escola. Desta feita, fui matriculada aos cinco anos e meio, embora na matrícula constasse que tinha sete. Fato que não fazia muita diferença, uma vez que nem registro de nascimento eu possuía. No entanto, meu primeiro dia de aula não foi tão significativo como esperava: meu pai havia comprado para mim uma carta de ABC: Um folheto bem pequeno que começava com lições do alfabeto; depois o estudo das sílabas e, por último, a introdução à leitura de algumas palavras soltas. No primeiro dia de aula, a professora mandou que sentasse no banco junto à parede e lesse da letra A à letra E. Senti-me a pior das criaturas naquele momento. Comecei chorar baixinho e, como se ninguém me ouvisse, chorei um pouco mais alto, até que ela foi onde eu estava e perguntou porque estava chorando. Entre soluços, respondi que estava chorando porque ela mandara-me ler apenas cinco letrinhas enquanto eu conhecia todas as letras e até lia histórias. Esse episódio rendeu bastante, entre minha família, a professoras e os alunos, como motivo de boas risadas. Alguns dias depois deste fatídico episódio, a professora constatou que eu estava alfabetizada e me presenteou com uma cartilha que possuía pequenos textos para leitura. No dia da prova final, a professora errou o número de alunos e, acabou faltando uma prova dos alunos da cartilha e sobrando uma do primeiro ano. Resolveram que eu faria essa prova que sobrara. Obtive melhor nota que os alunos do primeiro ano e isso, mais do que justo, foi motivo de aplausos, inclusive, da professorara que passou a achar que, no próximo ano, eu deveria ir para o segundo ano, mas minha mãe achou por bem que eu continuasse no primeiro ano, para não igualar com minha irmã, mais velha três anos que eu. Considero que a concepção de leitura

daquela escola, ignorava a importância dos conhecimentos prévios na constituição do sujeito como leitor, a que três décadas depois, Leffa nos leva a refletir:

[...]o leitor, usando seu conhecimento prévio, interage com a informação básica do texto para estruturar um determinado padrão silábico [...] começa a ocorrer, com a contribuição do leitor, ainda que de modo primitivo e subconsciente, as primeiras manifestações do processo de interação (LEFFA, 1996, p.19).

No ano seguinte, após voltarmos para nossa casa que ficara abandonada por longos doze meses, passei a frequentar a “Escola das Pedreiras” que funcionava na casa da professora, mais precisamente na sala de visitas. Estudei naquela escola o primeiro e o segundo ano primário. Recordo as leituras que fazia em um livro velho que fora de minha segunda irmã, as quais já conhecia de cor, como parte da atividade denominada “dar a lição”. Não lembro bem das atividades de escrita. Acredito que as mesmas não foram assim tão significativas. Recordo bem do aprendizado de matemática, as famosas contas tão exigidas pelo meu pai.

Guardo boas recordações dessa escola, principalmente, em relação às datas comemorativas. Comemorávamos o dia das mães recitando poesias e cantando músicas com tema de mãe. Tudo de uma forma muito simples, mas feita com muita dedicação pela professora que costurava nossa roupa de papel crepom e enfeitava nosso chapéu de palha. Quando algum aluno não tinha condição financeira para comprar o material da roupa, ela ou uma de suas tias, comprava-o, de forma que todos participassem dessas comemorações.

Nessa época, inconscientemente, eu já usava a leitura como função social. Havia duas tias minhas que eram cegas: Uma evangélica e outra católica. As duas não se davam muito bem, disputavam entre si tudo do pouco que lhes restavam e, como não poderia deixar de ser, naquele momento o objeto predileto dessa concorrência era eu com meu dom de leitora. No dia em que era requisitada por minha tia evangélica para ler e reler até que ela decorasse um versículo da Bíblia, no outro, sem dúvida já seria intimada pela outra para ler e reler inúmeras vezes uma oração do adoremus, um livro preto que continha todas as orações da Igreja Católica, até que a mesma decorasse. Minha avó reclamava bastante das minhas tias as quais ignoravam seus argumentos de que eu iria ficar doida. Acredito que nenhuma das duas estava preocupada com minha saúde mental, diante do infortúnio em que se abateram suas vidas. Quanto a mim, rejubilava-me com o sentimento de proteção oferecido por minha avó, mas gostava das leituras que fazia ao mesmo tempo em que vibrava com minhas tias a cada vez que conseguiam proferir sozinhas as leituras decoradas.

No ano de 1970, uma seca devastadora, apagou muitos sorrisos em nossa região. Período em que perdemos nossa irmã mais nova, um bebê de oito meses, que foi vítima da falta de assistência médica. Contudo, apesar de todas as necessidades materiais que enfrentamos, não diminuiu, em ninguém de minha casa, a vontade aprender. Enquanto deveríamos ficar ociosos, visto que não havia nada para fazer nos roçados, além de irmos à escola, aproveitamo-nos da oportunidade para estudar tudo que havia em um livro de admissão ao ginásio que uma parente nos mandou da cidade. Quanto a mim, gostava de decorar a geografia, mas o que me impressionava mesmo eram os textos da parte de Língua portuguesa. Conheci Graciliano Ramos naquele livro, através de um pequeno texto extraído de sua obra *Vidas Secas*, onde Fabiano, Sinhá Vitória, seus dois filhos e a cachorra baleia, lutavam sem muitas armas, assim como minha família, contra a miséria que se abate as vítimas da seca, em qualquer tempo ou lugar. Lia e relia também, com os olhos e com a alma, os poucos poemas que aquele livro continha. Leitura essa que me enchia de lágrimas os olhos e me colocava uma mistura até então desconhecida de doce e amargo na garganta.

Infelizmente, no início ano de 1971, quando deveria eu estudar a terceira série, meu pai resolveu que não iria nos matricular. Acabávamos de sobreviver uma seca devastadora, da qual deveríamos agradecer a Deus por estarmos vivos. Lembro perfeitamente o dia em que a professora veio nos matricular e minha mãe explicou que não havia condições. Estávamos realmente sem nada! A professora lamentou muito, falou que não ia desistir, pois nós (eu e meus irmãos) éramos os seus melhores alunos. Saiu cabisbaixa, como que vencida pelo infortúnio, causado pela seca, que mais e mais se alastrava...

No meio do ano, a professora veio novamente, mas meu pai argumentou que não adiantava estudar um ano pela metade e que já tinha outros planos para nós naquele momento. E assim, partimos para uma nova experiência: Fomos trabalhar nos roçados dos vizinhos, eu, meus quatro irmãos mais velhos e meu pai.

Voltei à escola no ano seguinte, somente eu e minha segunda irmã. Havíamos nos mudado novamente para um sítio bem distante onde tudo era para mim novidade e, como não poderia deixar de ser, novidade também seriam os costumes da nova escola: Uma escola que seguia os mesmos padrões físicos das conhecidas anteriormente. A diferença é que eu e minha irmã fomos matriculadas na terceira série já que a professora exigira livro, sendo um livro só para as duas, uma forma de economizar. Certo dia a professora pediu que comprássemos lápis de pintar. Era minha primeira experiência com desenho e pintura: um desastre, diga-se de passagem! Fui criticada ao extremo por todos da escola e de casa. Pegava no lápis com tanta força que rasgava o papel. Meus desenhos eram horríveis, nem gosto de lembrar...

Aprendi pouquíssimo dos livros naquele ano. Em casa já não tínhamos mais o hábito da leitura, estava sempre todo mundo muito ocupado e minha segunda irmã estava ficando mocinha. Foi quando eu criei uma amiga imaginária para ter com quem desabafar. Essa amiga era tudo do que eu precisava: ouvia-me perfeitamente, não me criticava e ainda aprovava tudo que eu dizia ou fazia. Seria, realmente, tudo perfeito se não existisse o fato de que, vez em quando, em meio a um longo papo, sermos surpreendidas por minha mãe ou por um de meus irmãos que me chamavam de doida, pois, no ambiente em que fui criada, somente os loucos conversam sozinhos.

No ano seguinte, criou-se uma escola em minha casa na qual uma prima seria a professora. Esse também não foi um ano bom. Estudar em casa, sob os olhares de pai e mãe, ter que varrer a escola e outras coisinhas igualmente chatas, serviu-me de desestímulo total. Minha prima tentava repassar tudo que aprendera no ano anterior em uma escola da cidade para mim e minha irmã, mas eu não estava interessada, achava tudo aquilo muito enfadonho. Tirei nota boa nas provas para não levar uma surra, mas pra ser sincera, não aprendi nada.

De volta para nossa casa própria, tínhamos outra novidade: minha irmã mais velha, após um ano de estudos na cidade, tornara-se professora e eu, para não ficar sem estudo e para aumentar sua folha de matrícula, repeti a quarta série por mais dois anos, apesar de tirar dez em todas as matérias. Por outro lado, não gostei de ter como professora uma irmã. Em minha fase rebelde fui castrada de todas as aventuras inerentes às garotas de minha época. Como já estivesse eu entre os doze e quatorze anos e minhas primas até mais nova já se comportassem como moças, ninguém aceitava minha maneira de ser: Diziam que eu era pequena, feia, sem jeito, e mal-criada. O fato de ser inteligente já não tinha a menor importância. Faltava-me a doçura e a esperteza própria de uma adolescente em descoberta.

Enquanto isso eu sonhava. Sonhava silenciosamente com medo que alguém viesse criticar também meus sonhos e que me levasse a despertar para a dura realidade em que estava inserida.

Final de 1976, tempo da grande virada em minha vida. Resolveram mandar-me prestar exames na Cidade. Naquela época, para se matricular na quinta série, o aluno precisava passar por um exame de admissão. Todos achavam que eu estava preparada. Afinal de contas, minha irmã professora havia me repassado tudo aquilo que aprendera. E eu passei, em segundo lugar, concorrendo com mais de cem alunos da Cidade. Fiquei tão emocionada quando ouvi meu nome na Difusora Guarani que precisei sentar-me para não cair. Apesar de toda a felicidade que sentia no momento, doeu-me muito ouvir o tom taxativo de algumas

peessoas que comentavam: “Em primeiro lugar foi fulana, filha de fulano. Em segundo lugar foi uma menina do sítio”.

Meu primeiro dia de aula no colégio Cenecista Ana Maria Gomes pareceu-me mágico. Tudo era novidade! Até a sirene tocando me encantava. Era tudo perfeito demais para ser verdade: Aquele cheirinho de novo, a euforia dos alunos, cinco professores em um só dia, a hora do intervalo, minha roupa igual a das outras meninas, um caderno grande e cheio de divisões. Imaginei realmente ter encontrado o paraíso.

Contudo, o encanto durou pouco e a realidade foi mais forte. Minha cabeça não conseguiu segurar as emoções e a ansiedade falou mais alto. Certo dia, percebi que apesar de toda mudança pra melhor que me havia acontecido, continuava eu a ser uma esquisita; que a marca de matuta estava impregnada em mim para sempre; que eu nunca seria igual às garotas da cidade; que nenhum professor iria me dirigir a palavra e que, para ser vista, eu precisava ser engraçada. Resultado: uma catástrofe: Passei da condição de ignorada a de desrespeitada. Todas as vezes que tentava falar, era interrompida por um ensaiadíssimo coral que repetia a pior de todas as frases que poderia me ser dirigida naquela época: “Cala a boca, do sítio”! Tudo isso, sem contar com os professores que aparentemente, me detestavam.

Não me lembro de ter aprendido alguma coisa das matérias ensinadas naquele ano. Passei por média, apesar de tudo concorrer para o contrário. Em casa, esse foi um ano sem leitura, pois na casa da minha tia onde passei a morar na cidade, não se cultivava esse hábito.

No ano seguinte, fui morar na Cidade de Currais Novos, no Rio Grande do Norte, em casa de uma prima que era professora. Matricularam-me no Instituto Vivaldo Pereira, uma escola do Estado, em pleno regime militar, onde adquiri alguns ensinamentos de disciplina e de respeito, bem como tive alguns bons professores. Nesta escola, adquiri o status de prima da professora. Isso para mim era a glória diante do termo pejorativo de “do sítio” a mim atribuído no colégio cenecista de minha cidade. Estudei quatro anos naquela escola, de onde guardo boas recordações e alguns aprendizados.

Fiz o primeiro ano, alimentando a idéia de ingressar no Magistério. Cheguei a fazer matrícula, sob os protestos de parentes, que não concordavam com o fato de eu estudar no turno da tarde, pois precisava trabalhar. Mas eu insisti e, não sei se por esse motivo ou por outros que não vale a pena ressaltar nesse momento, mandaram-me de volta à minha Cidade. De volta a Escola Cenecista, matriculei-me no único curso disponível, o Técnico em Contabilidade e, naquele momento, descobri que aquela instituição perdera seu encanto, pois agora era eu quem brilhava, não como aluna, mas como pessoa. Jurei pra mim mesma que nunca mais seria humilhada naquela turma, agora bem pequena, em virtude do acentuado

número de reprovação e desistência características da época. Com eles vivi dois anos maravilhosos. Inocentes, enchíamos de orgulho quando falávamos que seríamos contabilistas. Na prática, não dávamos nenhum valor. Aliás, acho que esse não era um sentimento somente de nós, os alunos. Desconfio que boa parte dos professores também enveredasse por essa linha de pensamento. Tive uma ótima professora de literatura; não aprendi nada de matemática e decorei muitos conceitos sobre contabilidade e mecanografia.

A turma era maravilhosa. Praticamente todos da mesma idade; vivíamos a fazer festas por todos os motivos. Escrevíamos versos enquanto os professores falavam, depois mostrávamos pra toda a turma, até mesmo para os professores que nos achavam engraçados. Experimentei nessa época, uma verdadeira sensação de igualdade e de aceitabilidade até então desconhecida, embora as condições financeiras de meus colegas fossem bem melhores que as minhas. Colamos grau sob toda pompa a que tínhamos direito, jurando de pés juntos que seríamos bons profissionais e que nunca iríamos esquecer a amizade que construímos.

Havia nesse momento, um destino pré-traçado para mim: deveria ir morar na Cidade de João Pessoa, para conseguir um trabalho digno de minha inteligência e de meu grau de instrução, satisfazendo assim, também eu, o grande desejo dos meus pais que era o de ver todos os seus filhos em busca de algo melhor bem longe do lugar onde eles próprios nos criaram.

Viajei uma semana após minha colação de grau, banhada em lágrimas e cheia de esperanças em um futuro promissor. Influenciada por meus colegas, tentei um exame vestibular no qual tirei péssimas notas, talvez pelo fato de que, ao me inscrever, escolhi Economia por achar que o nome era bonito.

## **A Universidade**

Após morar 21 anos na Cidade grande e, mesmo não tendo frequentado nenhuma instituição de ensino neste período, continuei desejando ir em busca do aprendizado que não me foi oferecido no âmbito escolar. De volta, mais uma vez, à minha cidade, me surgiu a oportunidade de ingressar na Universidade Federal de Campina Grande. De princípio imaginei um curso de Pedagogia repleto de teorias infantis, que me encheria de tédio e que me tornaria uma pessoa falsa e sem nenhum objetivo definido. Puro engano. Surpreendi-me com os estudos desenvolvidos ao longo do curso e com o aprendizado que me foi oferecido. Tive ótimos professores que me incentivaram a descobrir meu potencial; fizeram renascer em mim o gosto pela leitura e a escrita; levaram-me a perceber a capacidade de refletir e me

suscitaram o desejo de buscar sempre a construção de novos conhecimentos. Tornei-me, oficialmente, Pedagoga, em julho de 2010, ciente da minha responsabilidade frente à educação desse país, principalmente em relação aqueles que não tiveram a mesma oportunidade que eu.

No ano seguinte ingressei no Curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos, com Ênfase em Economia Solidária, ofertado pela UFCG, Campus Cuité-PB, no qual tive oportunidade de aprofundar meus conhecimentos acerca de uma parte da sociedade que clama por oportunidades que, apesar de lhes serem asseguradas pela Constituição Federal, não lhes são apresentadas, haja vista a falta de vontade política e planejamento, não só dos nossos governantes, mas da sociedade. Nesta perspectiva, Moacir Gadotti vem alertar que:

Não há sociedades que tenham resolvido seus problemas sociais e econômicos sem equacionar, devidamente, os problemas de Educação, e não há países que tenham encontrado soluções para seus problemas educacionais sem equacionar, devida e simultaneamente, a Educação de adultos e a alfabetização. Gadotti (2014).

Logo em seguida, busquei outra especialização, desta feita, na Modalidade a Distância, da Universidade Cândido Mendes, Curso de Coordenação Pedagógica, acreditando assim poder concorrer a um cargo na instituição onde trabalho, que me permitisse participar ativamente das discussões acerca do sistema de ensino e assim poder defender meus ideais de construção de uma escola mais justa, mais humanitária e menos excludente.

No final de 2018, em meio à luta por melhores dias para alunos da Educação de Jovens e Adultos, surge-me a oportunidade de ingressar no Curso de Especialização em Práticas Assertivas da Educação Profissional integrada a Educação de Jovens e Adultos. Era tudo que eu desejava naquele momento: aprofundar meus conhecimentos acerca do PROEJA, cuja existência, em nossa realidade existe apenas no papel. Período de muitos desafios, que foi marcado pela falta de tempo disponível para os estudos, em virtude da carga de trabalho a que tenho me submetido nos dois últimos anos. Contudo, um período de muita aprendizagem que veio alimentar em mim, cada vez mais, o desejo de levar a sociedade a refletir sobre os benefícios que a educação pode proporcionar ao ser humano, independentemente da idade cronológica em que ele se encontre.

### **Reflexões sobre a formação e relato da experiência profissional na EJA**

No ano 2005, antes mesmo de ingressar no Curso de Pedagogia, fui convidada a ministrar aulas no Programa de Alfabetização Solidária, um Programa desenvolvido pelo

Conselho da Comunidade Solidária do Governo Federal, criado em 1997, cuja proposta era alfabetizar jovens e adultos nas cidades com maior índice de analfabetismo, em módulos com duração de cinco meses. No Primeiro dia da capacitação oferecida pela Universidade Federal da Paraíba, destinada aos professores leigos que atuariam no referido programa, escutei, pela primeira vez, o nome do grande educador Paulo Freire. Curiosa, pedi a Professora formadora, que discorresse um pouco mais sobre a vida e obra deste senhor, haja vista seus olhos brilhavam, cada vez que a ele se referia e, já no segundo dia, fui apresentada a principal obra do mais celebre educador brasileiro. “Pedagogia do Oprimido”, da qual adotei como lema, para minha trajetória profissional que hora iniciava, a seguinte frase:

“Educador e educandos se arquivam na medida em que, nesta distorcida visão da educação, não há criatividade, não há transformação, não há saber. Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros.” FREIRE, 1998

Firmada na crença das palavras de meu recém adotado mestre, iniciei minhas aulas em uma escola rural que acabara de ser reaberta, localizada em uma comunidade com noventa por cento de suas casas em estado de abandono. Matriculei dezoito alunos, dos quais, apenas seis, se dispuseram a me acompanhar naquela aventura noturna, após longo dia de trabalho pesado sob o sol escaldante do nosso curimataú. Logo nos primeiros dias, percebi que os alunos não gostavam do desenvolvimento de discussões em sala de aula; que se aborreciam com a abordagem de temas que os levassem a refletir sobre a constituição de cidadãos de direitos e de deveres; bem como não aceitavam, de forma alguma, a ideia de que a aprendizagem iria se construindo em uma via de mão dupla, ou seja que professor e alunos aprendem mutuamente, à medida que se dá a valorização dos saberes de todos os envolvidos. Neste contexto, levando em consideração minha inexperiência, guardei minhas teorias, sufoquei meu idealismo e passei a utilizar o método tradicional de soletração, a única forma que encontrei para manter a pequena turma ao longo do Módulo XVIII.

Contudo, a frustração vivida em minha primeira experiência com a Educação de Jovens e Adultos, não foi capaz de destruir meus sonhos. Ao longo do Curso de Pedagogia, defendi com todas as minhas forças a ideia de que esta modalidade de ensino carecia de um novo olhar lançado por aqueles que fazem educação, inclusive, no período da prática de ensino, eu lutei bastante junto a Coordenação do Curso, para que me permitisse estagiar em uma sala de EJA. Meu pedido foi negado, sem muitas explicações.

No ano 2014 já exercendo função administrativa na Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Desporto de minha Cidade, recebo o convite para assumir a Coordenação

Pedagógica da Educação de Jovens e Adultos em três escolas, sendo duas urbanas e uma rural, nas quais funcionavam da primeira à quarta etapa. Muitos foram os desafios nesta fase de minha vida profissional: professores desestimulados; gestores que não aceitava as especificidades do público formado por alunos adultos; alunos indisciplinados; funcionários revoltados por terem que trabalhar no turno da noite; entre outros.

Com a ajuda da Gerente Estadual da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI), organizei um encontro de formação para professores e gestores de EJA da rede municipal de ensino; consegui parceria da orientadora educacional para o desenvolvimento de um trabalho voltado à diminuição da indisciplina e, ao final daquele ano, alguns avanços puderam ser comemorados, embora estivesse eu ciente de que a batalha ainda não fora vencida.

No ano seguinte, após ser aprovada em Concurso para professora da rede municipal de ensino de Picuí, vivenciei a felicidade de realização do sonho de lecionar em uma sala de EJA, dessa vez, como profissional e não mais como professora leiga. Assumi uma turma do primeiro ciclo, composta por alunos adultos e idosos, muitos deles descrentes de suas habilidades e competências o que ocasionou um significativo índice de evasão logo nos primeiros meses de aula, não somente em minha turma, mas em todas as escolas da rede

Preocupados com a situação, o diretor de uma das escolas onde funcionava a EJA, o Coordenador Pedagógico e eu, formamos uma comissão e levamos a problemática até a Secretária de Educação que, por sua vez, despertou no Prefeito a aflição diante da acentuada queda que já se verificava no repasse dos recursos do Fundo de Desenvolvimento da Educação Básica (FUNDEB), em decorrência da diminuição no número de alunos no ano anterior e o levou a refletir sobre uma forma de incentivar adultos e jovens a voltar à escola e assim garantir o aporte financeiro necessário ao bom funcionamento da rede. Após inúmeras discussões, foi criada a Lei Municipal nº 1.615, de 30 de abril de 2015, que, em seu Art. 1º, institui o “Programa de Bolsas de Estudos destinado à concessão de 500 (quinhentas) Bolsas de Estudos aos alunos matriculados na Educação de Jovens e Adultos – EJA do município de Picuí/PB”. Nesta perspectiva, houve um significativo aumento nas salas de EJA e, conseqüentemente, me foi dada a oportunidade de desenvolver um bom trabalho junto aos alunos, agora motivados por uma simbólica ajuda financeira, enquanto eu, empunha todos os esforços possíveis, no sentido de promover cidadania.

No ano seguinte, tivemos um expressivo número de matrículas na EJA, contudo, em virtude da crise financeira que se alastrou pelo país, a Prefeitura não conseguiu cumprir a determinação da Lei 1.615/2015 PMP, o que ocasionou, mais uma vez, a evasão em massa de

nossos alunos da Educação de Jovens e Adultos. Apesar de todos os esforços empenhados, terminei o ano letivo com uma turma multisseriada de oito alunos, subentendidos como os que compreenderam o real papel da escola.

Em 2017, em decorrência da mudança na gestão municipal e do secretário de educação, bem como dos gestores das escolas, me foi confiada, mais uma vez, a Coordenação Pedagógica da Educação de Jovens e Adultos. Nesta perspectiva, o desafio seria reconquistar os alunos, através de um novo quadro de professores e da firmação do compromisso, por parte do novo gestor, em manter em dia o pagamento da Bolsa da EJA. Novamente tivemos um número de matrícula expressivo e até conseguimos aumentar a oferta desta modalidade de ensino em mais uma das escolas da rede. Contudo, apesar dos esforços contínuos desta coordenação, os novos gestores escolares apresentaram bastante dificuldade em compreender as metodologias da EJA; os professores, por sua vez, perderam rápido, o interesse; a Prefeitura atrasou, por três meses o pagamento das bolsas e o resultado inevitável, mais uma vez, foi o significativo número de alunos evadidos.

Compreendi naquele momento, que poderia fazer bem mais pela Educação de Jovens e Adultos em uma sala de aula. Cheia de esperanças, pedi a Secretária de Educação que me deixasse exercer a função em que acreditava, e fui atendida. Devo dizer que considero o ano de 2018 como meu período de realização profissional, haja vista que consegui, junto ao meu substituto na coordenação pedagógica da EJA e parte da gestão escolar, desenvolver um excelente trabalho junto aos cinquenta por cento dos alunos matriculados, uma vez que o fenômeno da evasão continuou presente, em consequência do pagamento da Bolsa da EJA, que continuava acontecendo com significativo atraso.

Neste contexto, conseguimos promover ações significativas na vida dos alunos, através do desenvolvimento de projetos tais como o de meio ambiente que culminou com uma caminhada ecológica; o Projeto Junino, que levou os alunos à reflexão sobre a importância da colheita, da partilha e da valorização do trabalho do agricultor; e o ensaio da quadrilha junina, que os elevou a categoria de protagonistas, na Festa do Bairro. No Desfile Cívico, tradicional do Sete de Setembro, os alunos da EJA foram escalados para a abertura da escola. Assim, cada um a sua maneira, conseguiu se constituir como parte de um todo e demonstrar a uma sociedade preconceituosa e rotuladora, o protagonismo que lhes fora negado ao longo de décadas de exclusão. Ao desenvolver um Projeto de Leitura, despertamos nos alunos o gosto pelas artes e assim enveredamos pelo caminho do teatro. Muitas foram as apresentações de sucesso em eventos escolares para os quais fomos convidados, maior ainda, minha satisfação

em enxergar a felicidade de cada um dos alunos, ao reconhecerem-se, não somente aceitos, mas valorizados por aquilo que se descobriram capazes de fazer. De acordo com Zabala,

A escola, enquanto instituição social, tem a finalidade de promover a formação integral dos educandos, enquanto sujeitos sociais. Formação essa que deve ocorrer na perspectiva da formação do cidadão, que vai muito além do desenvolvimento cognitivo dos sujeitos (ZABALA,1998).

Foi justamente neste período em que, como escola, eu me sentia dando início à promoção de formação integral dos educandos, que me surge a oportunidade de concorrer a uma vaga no Curso de Especialização em Práticas Assertivas da Educação Profissional integrada a Educação de Jovens e Adultos (PROEJA), cuja perspectiva é a oferta de uma formação continuada de profissionais que atuam na prática curricular e pedagógica da Educação Profissional articulada à EJA, bem como contribuir com a formação dos professores a distância, visando dar um novo foco ao ambiente de aprendizagem virtual nas redes federal, estadual e municipal. Garantida a participação no referido Curso, dei início aos estudos em meados do ano seguinte, na esperança de que, através do seu desenvolvimento, pudesse adquirir maior embasamento para a prática em salas de EJA, uma vez que o PROEJA, não se configura como realidade em escolas da nossa rede municipal de ensino.

No decorrer do curso, no qual me foi permitido a escolha do itinerário formativo II, pude vivenciar momentos de reflexão acerca da forma como se gerencia e pratica a educação profissional pública no Brasil, bem como sobre os métodos e técnicas gerenciais, administrativas, pedagógicas e didáticas para as escolas que ofertam cursos de formação profissional em toda e qualquer modalidade integrada à EJA. A cada disciplina disponibilizada, ao longo dos quatro Módulos de Estudos, muitas foram as contribuições para minha formação, tanto no campo profissional, quanto no pessoal. Contudo, destaco como uma experiência bastante marcante, a atividade avaliativa da Disciplina Didática e Avaliação da Aprendizagem Aplicada a Educação Profissional integrada à EJA, que me possibilitou realizar a análise crítica do desenvolvimento, dos processos avaliativos e da gestão do PPP de uma escola da rede em que estou inserida como profissional, baseada nas aprendizagens desenvolvidas no curso.

Contudo, o de mais significativo, no que diz respeito a minha aprendizagem no referido curso, foi o despertar do comprometimento com meu papel, enquanto agente multiplicador e difusor de novas tecnologias, cujas mudanças são evidentemente necessárias para a oferta de cursos da Educação Profissional integrada à EJA. Por fim, os estudos me

permitiram momentos de reflexão acerca da minha ação docente em sala de aula, com vistas a produzir conhecimentos de forma significativa que, prioritariamente, atenda às peculiaridades do público-alvo.

### **Considerações finais**

Concluída a elaboração deste Memorial de Formação, observo, como se fizesse parte de uma atenta plateia, cada passo que foi dado por minha trajetória de formação escolar. Confesso que, mesmo de forma inconsciente, faltou-me, durante a juventude, a habilidade de pautar, com responsabilidade, meu projeto de vida acadêmica. Creio que, embora não tenha apresentado nenhuma dificuldade de aprendizagem, não me constitui como uma boa aluna, bem como admito a precariedade do ensino que a mim foi oferecido. Nesta perspectiva, considero que fui alfabetizada em casa e que o gosto pela leitura foi a verdadeira tábua de salvação diante do incontável número de naufragos da ignorância predominante em minha faixa etária, principalmente no meio em que fui criada.

Hoje, consciente do meu papel como educadora, defensora incansável da Educação de Jovens e Adultos, embora, desde o início do ano letivo 2019, tenha tido minhas funções pedagógicas reconduzidas para os anos iniciais do ensino fundamental e assim me encontre afastada, de forma física, desta modalidade de ensino, reconheço a grandiosidade das aprendizagens adquiridas ao longo do Curso de Especialização em Práticas Assertivas da Educação Profissional Integrado à Educação de Jovens e Adultos (EJA), Pós-Graduação Lato Sensu, na modalidade de educação a distância (EaD), uma vez que o mesmo me possibilitou a reflexão acerca da prática pedagógica que vem sendo aplicada, ao longo de décadas, junto aos jovens e adultos que, muitas vezes, após idas e vindas desconsertadas, se arriscam a busca de novos sonhos através da reinserção no contexto da escola.

### **Referências**

FREIRE, P. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido.** 25. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

GADOTTI, Moacir. **Por uma política nacional de educação popular de jovens e adultos.** São Paulo: Moderna: Fundação Santillna, 2014

INSTITUTO Federal de Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. **Projeto pedagógico do curso de especialização em práticas assertivas em didática e gestão da educação profissional integrada à educação de jovens e adultos**. Natal: IFRN, 2018. Disponível em: [https://ead.ifrn.edu.br/portal/wp-content/uploads/2018/09/PPC\\_especializa%C3%A7%C3%A3o\\_27-09-2018\\_RL\\_V3.pdf](https://ead.ifrn.edu.br/portal/wp-content/uploads/2018/09/PPC_especializa%C3%A7%C3%A3o_27-09-2018_RL_V3.pdf). Acesso em: 17 jul. 2020.

LEFFA, V. **Aspectos da leitura: uma perspectiva psicolinguística**. Porto Alegre: Sagra, DC Luzzatto, 1996.

PRADO, Guilherme; SOLIGO, Rosaura. Memorial de formação: quando as memórias narram a história da formação. In: PRADO, Guilherme; SOLIGO, Rosaura (Org.). **Porque escrever é fazer história revelações, subversões, superações**. Campinas: Graf, 2005.p. 47-62.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PICUÍ-PB. **Lei n. 1.615, de 30 de abril de 2015**. Que autoriza a concessão de bolsas de estudos destinadas aos alunos matriculados na educação de jovens e adultos – EJA e dá outras providências.

Verbetes Alfabetização Solidária, por Ebenezzer Takuno de Menezes, em **Dicionário Interativo da Educação Brasileira - Educabrazil**. São Paulo: Midiamix, 2001. Disponível em: <<https://www.educabrazil.com.br/alfabetizacao-solidaria/>>. Acesso em: 18 de jun. 2020.

ZABALA, A. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda., 1998.